

Pão Nosso...

Porto, 29 de Junho de 1910.

N.º 11

SUMARIO:

- I — A PAPISA JOANA DE BEJA.
- II — UMA SOMBRA DE GENTE.
- III — IMPRENSA NEUTRA.
- IV — O BODO DA LIBERDADE.

A Papisa Joana de Beja

No congresso catolico. — Adoração dum bispo. — A mulher, segundo os Santos Padres. — Quem dá o que tem... — Um neo-maltusianismo de mitra.

Ora no outro domingo encerrou-se em Lisboa, dentro da igreja da Graça, o congresso catolico. Atravez das gazetas rolou a pompa e solenidade de tal farça ao divino. Caçoilas d'incenso nos altares, e navicelas de perfumes feminis; lume de ciriaes, e queimor da fé; versetos da ladainha no entremeio dos assobios do órgão ganindo o hino da Carta.

Assembleia grada. Prelados rôxos, e nobres de boa prosapia; pares do reino e da sacristia, capêlos coimbrãos, advogados e um enxame buliçoso de fidalgas e donas bem-pensantes, desde a doutora em medicina com empacho de basolia e sapiencia, até ás tenras donzelinhas d'entre pulo e boléo, doces olhos vidrados de meiguice, corações ardorosamente anciosos de sacrificio.

A trivialidade sem pico, que é pesponto da pragmatica em reuniões dessas, nem alusão merecia, se não fôra o episodio

d'alto relevo do castíssimo bispo de Beja, confessor, virgem duma banda e martir da outra.

Do logar d'honra se ergueu o prelado, com o garbo e gentileza da sua resistente garupa, ajustada aos fraldelins de seda violeta, trescalando pivetes, lenço de rendas entre os afuselados e cariciosos dêdos, olhos guinando ternura sob o setim das sobancelhas, e apenas uma ligeira nuvem de *veloutine* na macieza das faces, onde duas covinhas mordiam d'encanto uma doirada penugem de pècego d'aparta-carço.

E logo, logo, a borrasca d'aplausos estremunhou nos seus nichos de talha os santos de vulto e de róca. Piedosos eremitas dos primeiros seculos da cristandade, que moraram nos desertos, comendo fomes, bebendo sêdes, dormitando ao relento sobre pedregulhos e esterco, balanceavam a cabeça na interrogação curiosa de quem se aborrece por toda a eternidade: — «Que é?»

O estralejar das palmas, sob o comando do arcebispo de Mitilene, enchia o templo. Um eclesiastico erudito, farejador de cronicões vetustos, leitor de Suetonio e Catulo, babava-se em fio na contemplação do mitrado de Beja, soluçando: — «Oh! o lindo garção!» E um doutor romano, acorçado em angulo de menos luz, repassava a ponta da lingua entre os beiços sensuaes, e a meio tom explicava a um seminarista rubicundo: — «Lá em Roma chamava-se-lhe um *boccato di cardinale*, como quem diz... como quem diz—faisão com tuberas!»

Só o velho S. João Batista, a quem Herodes mandou degolar por elle exercer contra o tetrarca o papel irritante de jornalista verrineiro da opposição, e que sempre se deslinguara em vocabulario aspero e arranhador como os cardos do deserto, resmungava dentro do seu intonso surrão de peles: — «Um fueiro, um fueiro é que o marmelo precisava!»

Na calada dos aplausos começou o bispo de Beja a falar. Qual o assunto, interroga o leitor curioso? Ora essa! Qual poderia ser?

Lê-se no *Seculo*, que S. Ex.^a Reverendissima principiou a falar no pecado original, e na educação da infancia!

Reconstruamos, por nossa parte, a edificante homilia:

* * *

« Minhas amadas ovelhas !

« Vós sabeis, vós sabeis que todo o mal veio ao mundo desde que Eva seduziu o primeiro homem com a maçã fatal. Fruta bichosa de maldição, porta do pecado, novêlo de dôres ! Não se justifica a gula do nosso primeiro pae, que teria explicação adequada, se em vez da maçã fôra um queijo.

« E como toda a humana desgraça sobre nós baixou, pelo veiculo da mulher, é que da mulher devemos fugir, e evitar as ciladas que com ella Satanaz nos arma.

« Não sou apenas eu que com a palavra e com o exemplo vos prægo esta doutrina. Os santos padres e doutores da Igreja, nos seus textos a consagram.

« E' o grande S. João Crisostomo, a boca d'oiro, que exclama : — *O' que suprema peste é a mulher, dardo agudo do demonio ! Foi por ella que o diabo triunfou de Adão, fazendo-nos perder o paraíso.*

« E S. João Damasceno : — *A mulher é uma jumenta manhosa, horrenda ténia que se acasala no coração do homem ; filha da mentira, sentinela avançada do inferno . . .*

« E S. João Crisologo : — *Ella é a causa do mal, autora do pecado, pedra do tumulto, porta do inferno, a fatalidade das nossas misérias.*

« E Santo Antonino : — *Cabeça do crime, arma diabolica. Quando avistardes uma mulher, crêde que na vossa presença está, não um ser humano, não uma besta fêra, mas o diabo em pessoa.*

« E S. Jeronimo : — *Mulher sem taxa é raridade maior que a fenix.*

« S. Cipriano prefere escutar o silvo do basilisco do que o canto da mulher. S. Boaventura compara-a ao escorpião, sempre pronto a picar. Por igual Eusebio de Cesarea, que a denomina *frêcha do demonio*. E S. Gregorio Magno conclue : — *A mulher não possui o sentimento do bem.*»

* * *

« Escudado nestas autoridades e preceitos, da mulher eu me arredo, a mulher detesto e abomino, desde a mocidade que consagrei ao amor do meu semelhante, sucedendo que padres invejosos me expulsaram do seminario quando moço d'estudos, por excessos de fervor na propagação desta ortodoxa doutrina entre camaradas compreensivos, que suas carnes maceravam.

« Subido ao solio episcopal, maus ecclesiasticos me acusaram de antropofago! Essa imprensa rancorosa e infernal manchou as açucenas da minha pureza, forrageando casos eguaes nos volumes dum hereje alemão, um tal doutor Krafft-Ebing.

« Ainda ha pouco, no Porto, um illustre catolico, antigo positivista e agora emendado do funesto erro de pensar, o professor de medicina, dr. Candido de Pinho, ao apresentar num congresso certa tése sobre a assistencia infantil, preconizou como remedio, o casamento indissolúvel e religioso. Excelentes principios, mas bem superior é o sistema que eu propugno e pratico.

« Em curtas frases vo-lo demonstro. Quantas menos creanças nascerem, menos morrerão. E se nenhuma viesse ao mundo, nenhuma delle sairía. Estava assim o problema resolvido.

« Por conseguinte, não é necessario senão que todos me imitem, insistindo na propaganda do neo-maltusianismo canonico, a que o indigno padre Ançã, a quem perdoaria até as ofensas corporaes, se não quis prestar, recusando as graças de que eu o cumularia. Porque *intus et in cute* ⁽¹⁾ sou de meu natural dadi-voso, mais ainda do que S. Martinho que se despojou da capa para cobrir um mendigo, eu descarto-me até da roupa de dentro, e a propria chicha dou em repasto aos famintos.

« Podem agora os impios empoar-me com os insultos e doestos que o espirito maligno lhes insufla! Podem assegurar que na Alemanha fervilha uma categoria de homens, que entre si comumente se tratam de *tias*. Podem afirmar que a purpura me ensorbeceu, a mim que era obscuro sacerdote devotado a acarinhar, embalar e anediar creanças, sobre as quaes derramava a unção de que sou dotado.

(1) Pitada latina que se pode traduzir: — *No intestino e no coiro*.

«Ai! amadas ovelhas minhas! Se soubessem quão dura é a cadeira episcopal onde ás vezes me sento! Se imaginassem as mortificações, os jejuns e abstinencias a que estou sujeito, principalmente desde que essa perniciosa imprensa me não deixa recuar!

«E eu, no afan constante de crear proselitos, desvendando-lhes os tesouros de amor do proximo, apontando-lhes para as redondêsas celestes!

«Assim eu defendo constantemente o celibato ecclesiastico, proseguindo na tradição dos nossos santos padres, que a mulher aborreciam, que a malsinavam, que como porta do peccado a consideravam, e com o olho posto nos rigidos obeliscos da fé, eu humildemente agradeço os aplausos que me tributastes, certo de que não se enderessavam a um pobre pecador, mas sim aos actos exemplares da sua vida, mormente aos de oculta caridade que a modestia nos manda encobrir.

«Porque, se a sentença evangelica manda que a nossa mão esquerda ignore o que faz a mão direita, eu interpretando essa maxima, costume deitar as boas obras para traz das costas, sonegando-as ás vistas dos profanos.

«Por isso o milagre me acompanha. Com o simples contacto de minhas mãos tenho erguido paraliticos, e feito vergar a cabeça a muitos orgulhosos. A' força de mansidão, dómo as naturezas rebeldes; varias vezes assaltado por toiros bravos que furiosamente marravam, dos seus embates saí ileso e vencedor.

«Na Terra da Promissão manava o leite e o mel. No meu Paço episcopal tambem faço manar o leite, e como um favo de mel eu sou, pela doçura succulenta de minhas maneiras.

«Fugi da mulher! Ella é perigo! Lembrae-vos de que ella pôde morrer de parto, coisa que, segundo a historia atesta, nunca succedeu a neahum bispo.»

* * *

A' saída, um major reformado dizia para um interlocutor: «Faz-me isto lembrar, quando vivia em Africa, entre os cabindas. Ora você sabe que os cabindas, excellentes cosinheiros.....»

Uma sombra de gente

Scripta manent. — Horrendo peccado do dr. João de Barros. — A epopeia dum conselheiro. — De advogado falho a diretor geral da instrução. — A gazua jornalística. — Circulares sobre cerimonial academico. — Odio vêrde.

A 13 de setembro de 1890 foi lançado ao país, um manifesto dos estudantes de Coimbra com 121 firmas a rubricá-lo e que imediatamente a policia apreendeu. Rompia assim o historico documento:

A causa de todos os males do nosso pequeno mas nobre país, tem sido a Inglaterra e a Monarquia: A Inglaterra por causa da Monarquia e a Monarquia pela imbecilidade, pela cobardia, e pela falta de patriotismo da dinastia de Bragança.

Era quarto signatario deste manifesto, o quartanista de direito, Agostinho Celso de Azevedo Campos, atual conselheiro diretor geral da Instrução Superior e Secundaria.

Continuando:.

Ter por chefe do Estado um creançola de vinte e tantos annos, feito generalissimo por si mesmo sem saber comandar um regimento, sem illustração, sem intelligência, sem tino governativo, sem aptidões de especie nenhuma, é um facto monstruoso e revoltante contra o qual protestamos energicamente com toda a força da nossa alma.

...Sem orgulho o dizemos: — qualquer de nós é infinitamente superior a esse produto degenerado duma dinastia de ineptos.

Era quarto signatario deste manifesto, o quartanista de direito, Agostinho Celso de Azevedo Campos, atual conselheiro diretor geral da Instrução Superior e Secundaria.

Continuando:

Contaminados pelo Rei, vivendo do favor real, os homens da monarquia perderam-se para sempre no conceito publico.

...E' por isso que os partidos monarchicos não teem ideal, não teem principios administrativos, nem politicos, nem de especie nenhuma; são apenas servidores do Rei, bandoleiros do poder, homens que vão ao Paço quando o Rei os chama e que só de lá saem quando o Rei os escorraça.

Era quarto signatario deste manifesto, o quartanista de direito, Agostinho Celso de Azevedo Campos, atual conselheiro diretor geral da Instrução Superior e Secundaria.

E paremos de transcrever.

* * *

A 16 do corrente mez deste anno da graça, o sr. dr. João de Barros, professor do liceu Alexandre Herculano nesta cidade, tenaz e devotadissimo propagandista da instrução, e que na imprensa se tem salientado por seus estudos pedagogicos, assim como no estrangeiro honrou o nome portuguez, estampava no *Primeiro de Janeiro* um artigo apreciando o projeto apresentado no derradeiro Congresso Republicano do Porto, sobre a criação de casas modernas de ensino secundario.

Na correnteza de suas reflexões, com leve critica beliscou a competencia do diretor geral, Agostinho Celso d'Azevedo Campos, sorrindo-se das «circulares ridiculas» que o conselheiro desaterra do seu maninho cerebral, e terminando por confiar nos esforços do partido republicano como reorganizador da instrução.

Tres dias depois, um officio da direção geral, baseado em despacho do ministro com data de 17, intimava o reitor do liceu Alexandre Herculano a interrogar o dr. João de Barros, sobre se era elle em pessoa o autor da artigo do *Janeiro*.

Que sim — foi a resposta immediata. Até agora, porém, ainda não fulgurou nas alturas o raio fulminador.

* * *

Mas quaes são os meritos e partes adjacentes dessa nulidade, espremida como percevejo com trinta dias de jejum, que um pontapé de João Franco atirou aos telhados da instrução?

Agostinho Celso passou por Coimbra, sem lavrar vinco de sua personalidade. Era o mediocre charro, sem barruntos de letras ou sciencias, sem alporcas poeticas nem ardimentos d'estroinice. Chupado como beata de mau charuto, hidrocefalo, a fronte de bugalho encharcado formando pála sobre um rosto de pera de sete cotovelos, escoava-se pelas ruas como sombra d'alma penada.

Ninguem dava tento do seu sentir ou do seu pensar. Era um espargo lívido do bacharel vulgar.

Recolhida a carta, deita o homem té ao Porto, para o lidar da advocacia. A sua estreia como defensor do orfão e da viuva gargalha, hoje ainda, na tradição socarrona d'escrivães e meirinhos. Emperrou nas ideias com a lingua tropega. Juiz, delegado, gente das justças, cliente, auditorio, ao atentarem no feio bicho, gaguejando umas cabulas de pôdre alinhavo, casquinaram de goso. Elle boqueou tres vezes como o galo assado do *Hissope*, e rompeu em pranto desfeito.

Não me rio das lagrimas, que são a mais bela amargura da amarga desdita humana. Mas choro ha que na alma deposita o sedimento da inveja e do odio, e ao tarde cristalisa em cimento de insofrido orgulho.

* * *

E foi decidido que Agostinho Celso era a mais esplendida negação para as artes liberaes, para as profissões em que para se rasgar a estrada da vida, é pá, alvião e enxada—o pensamento.

Pegaram nelle e empurraram-no para Hamburgo, a fim de praticar no trafego do comercio, no ingenuo engano d'arrancar dum talo de coive murcha, um aproveitado ganhão. Ficaria bacharel *in partibus* como os bispos d'anel.

Regressou á patria tão mestraço nos tratos mercantis qual nas leis provara argucias, ao tempo que o franquismo deitava rede á mocidade diplomada, e no lote de quincalhas avariadas ornamentou as prateleiras da tenda do Messias.

Aprendera em Hamburgo o alemão. Professor da lingua alemã saiu num liceu de Lisboa.

João Franco que sempre considerara a letra redonda, misterio mais enredado que o de Deus uno e trino, recompensava os seus linguas da imprensa, transformando-os em orçamentivoros. Agostinho Celso enfiára pelos degraus do jornalismo, escada de serventia particular, que na nossa terra abre, em regra, sobre o tesouro publico.

Já cobrara prôa o bacharelote que a Minerva coimbrã dejectara! O professor do liceu lança-se então contra o dr. Abel d'Andrade, diretor geral da instrução, move-lhe crua e violenta campanha, e o côro de rans que no charco coaxavam pelo espolio acompanha-o; cae o adversario, e Agostinho herda-lhe o cargo. Começava a desforra do advogado lacrimajante.

* * *

Quaes os trabalhos pedagogicos, os estudos, o criterio, o valor mental do novo diretor? Cinzas... e o atestado dos officaes de diligencias do Porto, de como o homem era cambaio de ideias e mudo de fala. Um bedel da Universidade ou um corneta de infantaria igualavam-no em competencia.

Ainda ninguem descobriu que o entreposto comercial d'Hamburgo exportasse reformadores da instrução. E viu-se isto: a Universidade, as Escolas Medicas, as Politecnicas, os Liceus, sujeitos á orientação e ao mando de quem sabia, por lho contarem, que a *Sciencia* não era um substantivo comum de dois.

Apenas um lente do Porto, em artigo não firmado mas que da sua pena saíra, o Prof. José Arroio, no *Jornal de Noticias* protestava pelo vexame que como mestre sofrera, e como homem inteligente repelia. A profunda incapacidade do novel conselheiro não tardou em porejar, aliada á crassa ignorancia de todos os assuntos da instrução, mais á falta de tacto, mais á doblez de carater, mais ao vaidoso inchaço do onagro da fabula que tambem tocava flauta.

Ahi vão amostras das suas radicaes providencias:

Circular determinando que, ao falecimento de qualquer pro

fessor, os seus colegas apenas possam conceder aos alunos meia hora de feriado! E' um luto economico, uma dôr de conta-gotas. Isto numa terra em que se decreta sueto geral todas as vezes que Sua Magestade se purga!

Circular ordenando que nos corredores dos liceus, professores e alunos andem de penante na mão. Medida protecionista á industria da chapelaria, que aprendeu nos armazens d'Hamburgo, quando algum patrão lhe ordenava: — Destape-se.

Circular determinando que os professores estejam, no intervalo das aulas, em contacto com os alunos, acompanhando-os, educando-os, etc. Isto quando a quasi totalidade dos liceus não possue salas d'estudo, nem de espera; mais parecem pocilgas que templos onde se adorem os Agostinhos e, mal finda uma aula, ha necessidade immediata de vir á rua desafogar os pulmões, desafrontando-os das immundicies do ar confinado.

Circular reformando o regulamento que apoza a revisão ficou como d'antes estava.

Circular... não, hoje basta, que a tarefa de resenhar sandices embrutece!

De tão grotesco entrometimento tem succedido que estabelecimentos de ensino superior como a Escola Medica de Lisboa, cortaram as relações com o parvoeirão, ignorando-o, e correspondendo-se directamente com o ministro, sem que pelas mãos do director geral passem os documentos.

E elle engole a afronta, contanto que lhe permitam digerir tambem o ordenado e desimpedir a tripa evacuando mais alguma circular em que ordene que os professores rapem a cabeça e os sovacos á navalha de barba, e os estudantes se ponham em mangas de camisa nas aulas de desenho.

* * *

Pois bem. O dr. João de Barros merece castigo duro e fêro, cominado pelo antigo agressor do dr. Abel Andrade, por não concordar que as circulares sobre indumentaria e luto aliviado, são a derradeira conquista da pedagogia hodierna.

O dr. João de Barros ganhou direito ao exilio, decretado

pelo quarto signatario do manifesto de 1890, por esperar que o partido republicano trabalhe em prol da instrução. E por que espera o conselheiro, se o reo já confessou o crime? Por vêr que não encontra preceito legal a aplicar? Sirva-se da sua perspicacia de jurista! Advogado eminente, gloria do fôro, Cicero embalsamado, aos textos! Faisque o talento ferindo com os punhos as paredes da maquina pneumatica onde pendura o chapeo!

E para acentuar um traço de moral e bons costumes, acrescentamos que o Conselheiro anda de relações pessoaes cortadas com o seu antigo colega, dr. João de Barros.

Eis a outra face do vilão...

Imprensa neutra

Uma opinião interessante.

Um ilustre e valioso jornalista, o sr. dr. Cunha e Costa, a proposito dum constituinte seu, implicado na colossal roubalheira do Credito Predial, veio á imprensa exigir das gazetas abstenção de apreciações até juizo final. Logo acode o primeiro reparo de que o sr. dr. Cunha e Costa tem para a prégação aos infieis mais que uma doutrina.

A da neutralidade das folhas, a qual nós devemos guardar quando se trata de clientes seus; e a da beligerancia que elle tem praticado no jornalismo, quando se referia a constituintes dos outros!

Uma injustiça (lesão do direito — diria o distinto colega) recae sobre qualquer membro da sociedade. E' obrigação moral minha, é necessidade da solidariedade humana, é, se descermos ás profundidades da analyse, o instinto de defêsa propria, que me arrasta a bradar em prol do inocente, no tribunal como testemunha, na tribuna comicial como cidadão, na imprensa como jornalista, no parlamento como deputado: — Justiça! justiça! justiça!

Mas a Justiça não tem apenas a função de defender inocentes, tem a de evitar o crime, obstar a que elle se repita, ou obrigar o criminoso a reparar o mal que produziu. E os deveres que sobre mim pesam na hypothese antecedente, neste mesmo caso me obrigam a proceder.

E' o homem mais ardente na primeira do que no segundo, por impetos de generosidade e nobrêsa. Mas isso não obsta a que o dever seja identico. Podemos senti-lo com variações d'intensidade, porém assenta nos mesmos fundamentos.

Logo, em tése geral, requerer a abstenção do jornalista na materia, é castrá-lo na sua intelligencia, nos seus sentimentos, no seu civismo, e nos seus deveres.

* * *

Mas o jornalista pôde errar. Evidentemente. Como o juiz, como o juri, como o advogado, como a testemunha. Mas o jornalista pôde cegar-se por interesses ou paixões. Certamente. Como o juiz, como o juri, como o advogado, como a testemunha. São todos do mesmo barro. Verdade absoluta, perfeição absoluta, pontos transcendentés de referencia mental. *Quid inde?*

A imprensa, pelas suas investigações e critica, é um elemento a mais do processo, elemento impossivel d'abolir nas sociedades contemporaneas. Os argumentos do sr. Cunha e Costa, com a vestidura de lentejoulas — espirito juridico, etc. — apresentados na França, na Inglaterra, ou em país civilisado, provocavam epidemias de risota.

E logo lhe atiravam á face com o mais tempestuoso tumulto judiciario dos tempos modernos. Logo lhe avivariam a memoria de que sem a imprensa, Dreyfus já se haveria finado na Ilha do Diabo, e Esterhazy, du Paty de Clam, Henri, Gonse, Boisdeffre, Mercier, e malta adida, seguiriam emporcalhando o exercito, assassinando cúmplices e innocentes, e pondo em perigo a liberdade.

Pois o sr. Cunha e Costa, sempre tão apegado ás leituras inglessas, não se lembra, por exemplo, do famoso processo Druce Portland que dividiu toda a imprensa britanica em dois campos opostos! Acaso algum jurista reclamou abstenções?

E as informações falsas com que é possível enganar a imprensa? Corrigem-se ou destroem-se. Com o iniquo e infame processo de investigação secreta que no juízo d'instrução criminal se está usando, o silencio da imprensa seria a coroação do sistema da barbarie russa.

Eis a replica á extravagante teoria do sr. dr. Cunha Costa, sem carecermos de entrar no calculo com a personalidade do cliente que num bêco encurralou o seu patrono.

* * *

Do assunto, sob o ponto de vista concreto, se occupou o directorio do partido, que ás folhas remeteu a nota que reproduzimos :

Em reunião conjunta do Directorio e da Junta Consultiva foi hontem votada por unanimidade a seguinte declaração:

O Directorio do Partido Republicano Português :

Tendo ouvido a Junta Consultiva e de harmonia com o art. 22.º n.º 9 da lei organica, que diz :

São attribuições do Directorio... 9.º Tomar as providencias que julgar precisas para que do irregular funcionamento de qualquer corporação partidaria, da má orientação de qualquer jornal republicano ou do comportamento de qualquer membro do partido, não resulte prejuizo ao bom nome ou aos interesses partidarios.

Repele, em nome do Partido Republicano, toda a solidariedade com opiniões e actos de qualquer membro do Partido, destinados a cercear a livre ação da imprensa na descoberta e apreciação de crimes publicos, taes como os praticados na Companhia Geral do Credito Predial Português.

Duro, mas logico.

O bôdo da liberdade

Beirão, o justo. — O hercules transmontano. — Erratas á psicologia. — Um plágio do franquismo.

Trazem as lendas um fôrro resistente de escamas de crocodilo e força tão cega como as opiniões feitas. Ahi jaz para exemplo o sr. Beirão, que apesar de actor, comparsa e cúmplice em todos os actos do vergonhoso ministerio de 1897-1900, passava por fiador e principal pagador da honestidade do partido progressista. E' a retidão sem quebra nem torcedura! — alegavam. E por mais contras passados que se opoessessem, não pingava borribo na imaculabilidade do jurisconsulto.

Pois Beirão terminou até pelo classico testamento em que os ministros, não satisfeitos com as deixas aos amigos, a si proprios se encabeçam nas partilhas. E, se dentro d'alguns annos ainda a monarchia estiver para lavar e durar, não haja duvidas: — ao estoirar crise de tanta escorrença como o tumor do Credito Predial, ahi correria de bôca em bôca: — «Chame-se o Beirão ao poder. Aquillo é uma tina de lixivia. Por onde passa, lava!»

Seguia a crise presente, e já se calculava que o Rei travaria negociações para constituir um ministerio de jornalistas republicanos, pois na inauguração duma fabrica de Lisboa, quasi os promovera a conselho d'estado e a confidentes da sua veia liberal, anormalidade anatomica que secretamente afflige toda a dinastia dos Braganças. Eis que do meu erro me despeço. Chegou a vez de termos novo dispenseiro de liberdades.

Tambem a proclamação de D. Pedro IV terminava assim: — «Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar».

* * *

Que nos promete o libertador Teixeira de Souza, reforçado Bolivar d'Alijó?

Menu:

Reforma da Constituição, pares eletivos, obrigação da ma-

gistratura não acatar decretos ditatoriaes; juizo d'instrução liberal, lei de 13 de fevereiro liberal, lei da imprensa liberal, lei eleitoral «verdadeiramente liberal», ponderada descentralisação dos municipios, e de fóra parte fatias de colonias, pudim d'instrução e salada d'agricultura.

E orneia-se por ahi que o Marquez de Pombal já morreu! E' uma alarvidade historica que o sr. Teixeira de Souza intende corrigir, por meio dum decreto referendado pelo contra-almirante Marnôco e Souza, navegador que disfarçava a sua longa experiencia maritima e colonial escrevendo tratados de direito, e ouvindo a canção das claras aguas do Mondego.

Tambem em Port-Tarascon era ministro da guerra e comandante geral da artilharia o padre Bataillet, e fez de verdade deviam boiar na *blague* de A. Allais, ao contar do reporter que fôra entrevistar o nuncio de Sua Santidade acêrca das casas de tolerancia.

* * *

Um estrangeiro que tentasse penetrar a psicologia dos nossos politicos, levaria admiração de sobra, pela facilidade com que elles encarnam almas diversas. Passante dos trinta annos, cada homem tem a sua filosofia contruida, as suas opiniões asentes sobre a cantaria solida das suas tendencias, do temperamento, e da educação.

Seus habitos, costumes, e preguiça do espirito, cimentaram o edificio. Está a dobra arrugada, *le pli* como Taine lhe chama. Possui uma ideia da vida, do mundo e dos homens, contra a qual as mais das vezes as desilusões da experiencia se quebram inutilmente. Pensamos com frequencia que ainda progredimos, e não fazemos mais que deformar as doutrinas e theorias novas, ajustando-as á nossa feição. Posto que as compreendamos, resistimos-lhes. Quando nos contrariam de chofre, acendemo-nos em ira.

Que ha espiritos capazes duma refundição total, despojando-se do velho homem como a cobra larga a pele! — argumenta-se.

Por certo. Mas constituem a exceção. Pertencem á especie do melro branco dos trocistas, ou da ave azul dos contos infantis.

Ora nunca o passado do snr. Teixeira de Souza nos permi-

tiu entrever que elle padecesse das febres quartans da liberdade. Alistou-se em partido que de conservador moderado evoluiu, sob a direcção de Hintze Ribeiro, até se tornar em parapeito bronzeo do absolutismo. Com Hintze Ribeiro fez parte de governos brutaes, prodigos, e tão amantes da liberdade que em abraços a garrotavam. A *chacina do Rocio* não dista tanto de nós, que já diluida esqueça na poeira dos tempos.

O sr. Teixeira de Souza é um adorador das valentias, rebento da fereza transmontana ençravado num corpanzil fornido de musculos e cordoalha d'aço. Tem a cabeça de teima, e a ambição de nos fazer felizes! Fugir dos governantes que trazem a nossa ventura no concavo da mão! Era scisma de João Franco a de nos conduzir «ao verdadeiro parlamentarismo.» E para nos levar para o norte, navegava no rumo do sul. Uma volta de todos os diabos, apenas cortada dum ligeiro acidente.

* * *

Não. Não será a sua capacidade de estadista que nunca revelou vistas largas, cravo que travará a roda dos acontecimentos. O dilema contra o qual toda a nossa historia contemporanea nos acuou, para onde a fatalidade nos arrasta pelos cabêlos, é simples:— Ou governar com a Republica, ou contra ella.

Ora o sr. Teixeira de Sousa não governará com a republica, logo, com ella se baterá.

O que se vae passar é uma parodia tosca do franquismo, com a agravante dos odios religiosos. Tracejar bucolicas numa nação assolada pelo sopro revolucionario, é repetir a côrte francesa de Maria Antonieta, entretida nos insulsos devaneios pastoris, perfumando cordeirinhos, enastrando-os de fitilho de sêda, tangendo frautas, emquanto nas entranhas da nação já rugia a lava dos Direitos do Homem.

De maneira que o governo do sr. Teixeira de Sousa ou ha-de ser uma amendoa mirrada, ou um pau de lódo argolado. E olhe que lhe partem o varapau até sobre os quadris!

